



Guilherme Werneck

Follow

2 days ago · 12 min read

Sketches of Spain

Com a abertura de dois novos museus, Málaga se torna um dos pólos de cultura do sul da Espanha. Um guia breve para conhecer os principais museus de Málaga e Madri.



Foto cedida pela Área de Turismo, Ayto. Málaga

Texto e fotos: Guilherme Werneck*

No natal de 1900, Pablo Picasso levou seu grande amigo, o poeta e pintor Carlos Casagemas, para passar as festas em Málaga. Picasso tinha 19 anos, Casagemas, 20. Se conheceram em Barcelona, tinham ido juntos a Paris para ver a Exposição Internacional de 1900 e passaram a morar no estúdio de Isidre Nonell. Casagemas estava há três meses com o coração partido. Tinha se apaixonado pela modelo Germaine Gargallo, mas ela o havia abandonado. Foi para tentar tirar Casagemas da profunda depressão que Picasso o levou para sua cidade natal. A ideia não era outra senão cair na farra. Não deu certo.

Casagemas volta para Paris ainda deprimido e se mata logo depois, em 19 de fevereiro. A morte de Casagemas causou um impacto tremendo em Picasso, forte o suficiente para botar em marcha a famosa fase azul do pintor.

Picasso só morou em Málaga na infância e no começo da adolescência, mas até hoje a cidade transpira o pintor andaluz. E não por acaso se torna um dos principais polos de interesse para quem ama arte na Espanha.

Fora o interesse histórico—há registros arqueológicos muito interessantes nessa cidade que nasce com os fenícios, se torna colônia grega e tem ocupações romanas e árabes—, hoje Málaga tem importantes museus internacionais, como a primeira sede do Centre Pompidou fora da França e o Museo Ruso, filial do museu de arte russa em São Petesburgo.

Picasso



Picasso em momento Drummond; ao fundo, a casa onde nasceu o pintor

A estátua de bronze de Picasso sentado sobre um banco da mármore na Plaza de la Merced, feita por Francisco López Hernández em

2008, dá uma pista da importância do pintor malagenho para a cidade. Ela está situada em frente à casa onde nasceu o artista.

O apartamento foi convertido na sede da Fundación Picasso Museo Casa Natal. Com obras de 200 artistas diferentes, é uma parada pitoresca. Serve mais ao propósito de situar o visitante no universo da família Picasso e dar subsídios para entender as influências do jovem Picasso. É um local que se presta mais para exercitar um certo voyerismo sobre usos e costumes de Málaga nos fins do século 19 do que para aprofundar uma pesquisa mais artística.

Para ver Picasso de verdade, o melhor lugar é o Museu Picasso Málaga. Criado em 1993, atende a um desejo do próprio artista de que sua obra fosse exibida em sua cidade natal. A coleção é fruto da doação de Christine e Bernard Ruiz-Picasso, nora e neto do pintor. O acervo é composto por mais de 250 obras de diferentes fases do artista, e também retratos de diferentes amores de Picasso.

Dentre algumas das obras mais famosas dispostas no Museo Picasso Málaga estão *Olga Kohkholova com Mantilla*, retrato de 1917 da bailarina russa por quem se apaixonara, um retrato bastante figurativo, feito para dar de presente à família de Olga; *Mujer com Los Brazos Levantados*, retrato cubista, feito em 1936, logo depois de Picasso se apaixonar por Dora Maar, que viria a ser sua mulher; e *Bañista*, de 1971, que parece retratar Jacqueline Roque, última esposa do pintor. Para além das mulheres, vale prestar atenção a *Acróbata*, obra muito interessante, feita em 1930, que marca a volta ao tema do circo que Picasso havia explorado em sua fase rosa; e *Mosquetero com Espada*, de 1972, em que dialoga com a história da arte, mais especificamente, com Rembrandt, pintor que Picasso estava estudando na época.



Coleção permanente. Foto: Pepa Babot © Museo Picasso Málaga

Uma curiosidade é que, por vir de uma coleção de família, boa parte das obras não tem assinatura. Picasso sabia o valor de assinar um quadro. Uma anedota curiosa exemplifica bem isso. Numa noite, depois da abertura de uma exposição em Barcelona, o pintor levou amigos para jantar num restaurante. Na hora de pagar a conta, pegou um guardanapo e pintou uma de suas famosas pombas e deu ao dono. Ao receber o desenho como pagamento, o dono do restaurante teria reclamado de que não estava assinado, ao que Picasso replicou: “É para pagar a conta, não para comprar o restaurante”.

Museo Carmen Thyssen Málaga

A poucas quadras do Museu Picasso fica um dos museus mais interessantes para quem quer conhecer melhor a arte espanhola. Sediado no Palacio de Villalón, um prédio histórico do século 16 com arquitetura de influência moura, foi reformado pela prefeitura da cidade para a abertura do Museo Carmen Thyssen Málaga, em 2011.

Assim como o museu Thyssen mais famoso, de Madri, o de Málaga abriga a coleção particular da baronesa Carmen Thyssen. Mas enquanto em Madri temos obras de todas as partes do mundo, o de Málaga se concentra em artistas ou espanhóis ou que usaram a Espanha como cenário para suas pinturas. Está dividido em quatro pavimentos. No térreo, ficam as paisagens românticas e quadros voltados aos costumes espanhóis, é uma viagem por uma visão romântica da Andaluzia. Um dos destaques desse piso são os

quadros de Jenaro Pérez Villaamil (1807–1854), como *La Capilla de los Benavente en Medina de Rioseco*.



“La Capilla de los Benavente en Medina de Rioseco”, de Jenaro Pérez Villaamil. © Colección Carmen Thyssen-Bornemisza



"St Marina", de Francisco de Zurbarán © Colección Carmen Thyssen-Bornemisza

No primeiro andar, estão as obras dos grandes mestres renascentistas e do barroco, como Francisco de Zurbarán (1598–1664), Jerónimo Ezquerro (1660–1733), Bernardo Lorente Górriz (1680–1759) e Alonso Miguel de Torvar (1678–1758), por exemplo. No mesmo pavimento fica também a coleção de pintores realistas, tanto os do naturalismo quanto os do preciosismo.

Se destacam obras como *Salida del Baile de Máscaras*, de Raimundo de Madrazo y Garreta (1841–1920), *Paisaje Norteafricano*, de Mariano Fortuny Marsal (1838–1864), *Vendiendo Melones*, de Joaquín Sorolla y Batista (1863–1923) e *Invierno en Andalucía (Bosque de Álamos con Rebaño en Alcalá de Guadaíra)*, de Emilio Sánchez-Perrier (1855–1907).



"Salida del Baile de Máscaras", de Raimundo de Madrazo y Garreta



"Paisaje Norteafricano", de Mariano Fortuni Marsal © Colección Carmen Thyssen-Bornemisza



"Vendiendo Melones", de Joaquín Sorolla y Batista © Colección Carmen Thyssen-Bornemisza



"Invierno en Andalucía", de Emilio Sánchez-Perrier © Colección Carmen Thyssen-Bornemisza



"Julia", de Ramon Casas i Carbó © Colección Carmen Thyssen-Bornemisza

O segundo piso é dedicado ao fim de século, à pintura do fim do século 19 e do começo do século 20, ilustra o nascimento da pintura moderna e o diálogo dos pintores espanhóis com as vanguardas. Além de uma coleção impressionante de Sorollas, o principal impressionista espanhol, alguns destaques são *Julia*, de Ramon Casas i Carbó (1866–1932), *La Buena Ventura*, de Julio Romero Torres (1874–1930), *Corrida de Toros en Éibar*, de Ignacio Zuloaga y Zabaleta (1870–1945) e *Baile Gitano*, de Hermen Anglada-Camarasa (1871–1959).



"La Buena Ventura", de Julio Romero Torres © Colección Carmen Thyssen-Bornemisza



Corrida de Toros en Éibar, de Ignacio Zuloaga y Zabaleta © Colección Carmen Thyssen-Bornemisza



Baile Gitano, de Hermen Anglada-Camarasa © Colección Carmen Thyssen-Bornemisza

O último pavimento é dedicado a exposições temporárias. Até janeiro do ano que vem, há uma mostra dedicada aos guaches e desenhos feitos por Joaquín Sorolla em Nova York e, de 19 de novembro a 17 de março, entra em cartaz a mostra *La Ilusión del Lejano Oeste*, que trata da conquista do oeste norte-americano, através de esculturas, gravuras, pinturas, mapas e achados arqueológicos.

Invasão estrangeira

Com um cubo moderno, colorido e translúcido, o Centre Pompidou Málaga instalou um enclave de modernidade na orla malagenha. Primeira filial do Pompidou fora da França, esse pequeno museu é o mais extraordinário da cidade. Dividido em cinco agrupamentos, Metamorfosis, Autorretratos, El Hombre Sin Rostro, El Corpo Político e El Corpo en Pedazos, a coleção abrange desde artistas do começo do século 20 até contemporâneos, expondo esculturas, pinturas, fotografias, videoinstalações.



“Ghost”, de Kader Attia no Centre Pompidou Málaga

É um museu enxuto, mas repleto de obras para ver. Para quem gosta de arte contemporânea, é bom reservar algumas horas para ver a coleção com calma. Como não poderia ser diferente em Málaga, a vista começa com Metamorfosis, uma homenagem crítica a Pablo Picasso, reunindo obras de artistas que usam a desconstrução do retrato proposta pelo cubista para criar abordagens que dialogam com a obra do pintor malaguenho, por vezes com reverência, mas, na maior parte dos casos, como crítica à diluição que vemos a partir da banalização da desconstrução figurativa. Antonio Saura (1930–1998), Erró (n 1932), Gérard Gasiorowski (1930–1986) e Glen Brown (n 1944) são alguns dos artistas que revisitam a obra de Picasso como farsa nessa sala.

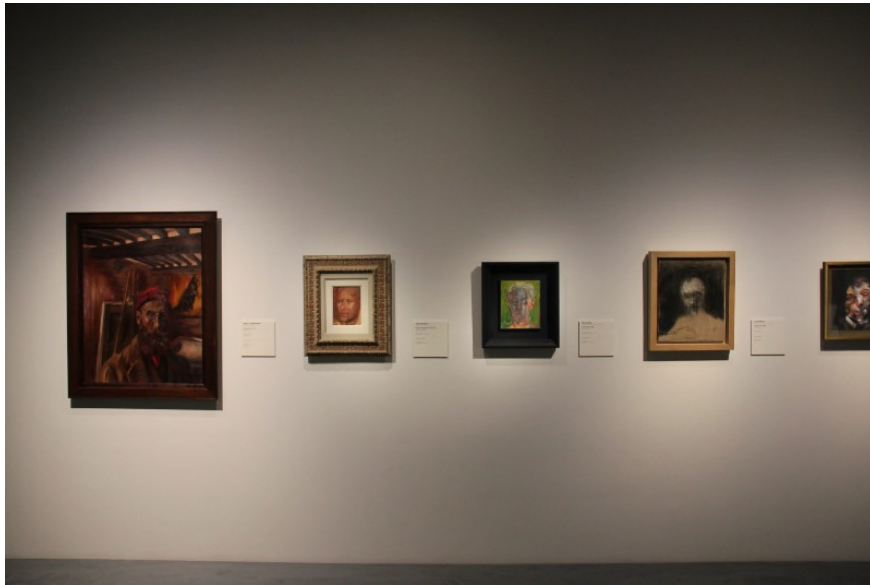


Sala Metamorfosis, no Centre Pompidou Málaga



"Architecture and Morality", 2004© Glen Brown

Na sala dedicada a autorretratos, há algumas obras imperdíveis, como *Domingo*, de Marc Chagall (1887–1985), *Autorretrato*, de Francis Bacon (1909–1992), *El Marco*, de Frida Kahlo (1907–1954) e *Joella*, de Edward Pashke (1939–2004).



Sala Autorretratos, Centre Pompidou Málaga





Autoretratos, do alto à esquerda no sentido horário: Francis Bacon, Mark Chagall, Edward Pashke e Frida Khalo

A sala dedicada ao homem sem rosto começa sua investigação na desumanização iniciada com a Primeira Guerra Mundial e segue até o pós-Segunda Guerra, em expressões neo-realistas ou pop, dando conta das transformações da figura humana com filtros diferentes: o homem como máquina, como produto ou como um mero consumidor. Tem pontos altos nas figuras tubulares de Fernand Léger (1881–1955), entre elas *Femmes dans un Intérieur*, na pintura *Dos Personages*, de Giorgio de Chirico (1888–1978) e na escultura *Mujer Desnuda de Pie*, de Alberto Giacometti (1901–1966).



Femmes dans un Intérieur, de Fernand Léger



Dos Personages, de Giorgio de Chirico e Mujer Desnuda de Pie, de Alberto Giacometti

A sala que mais me afetou foi a do corpo político. Super atual e violenta, discute sobretudo a transformação do papel da mulher na

segunda metade do século 20, com muitos trabalhos realizados nos anos 1960 e 70. Duas obras são absolutamente chocantes. A primeira é *Las Pensionistas*, da artista francesa Annette Messager (n 1943), em que ela dispõe pássaros empalhados dissecados, com diferentes ornamentos em 14 vitrines, e *Barberd Hula*, da israelense Sigalit Landau (n 1969), videoinstalação de uma mulher nua fazendo bambolê com arame farpado.



"Barbed Hula", de Sigalit Landau

A última parte da coleção é dedicada ao corpo em pedaços. Obviamente começa por Picasso e pelo cubismo, mas também traz reflexões mais modernas sobre o corpo, a polimorfia, o corpo ferido, o corpo em decomposição. Dentre os destaques, uma escultura de Joan Miró (1893–1983), *Mujer*, a pintura *Sem Título XX*, de Willem de Kooning (1904–1997) e *Piernas*, de Antoni Tàpies (1923–2012).



"Mujer", 1969, de Joan Miró



"Sem Título XX", 1976 © THE WILLEM DE KOONING FOUNDATION, NEW YORK /VEGAP/2016



"Piernas", de Antonio Tàpies © Comissió Tàpies, VEGAP, Madrid, 2016

O outro estrangeiro na cidade é o prédio que abriga a Colección Museo Ruso. Numa área em que divide com o Museo Automovilístico, tem exposições que mudam a cada dois anos, curadas a partir de obras do Museu Russo de São Petersburgo.



Museo Ruso

Na exposição que está em cartaz agora, os destaques são as obras de Marc Chagall—várias, de diferentes fases do artista. Nos dois eixos temáticos da exposição, uma percepção clara é de que as obras mais interessantes estão localizadas do período pré-revolução russa e pós-glasnost. Se muitos artistas russos como o próprio Chagall lançaram ideias fundamentais para as vanguardas, há um senso de estagnação criativa nas obras ultrarrealistas ou claramente pautadas pela propaganda durante os anos mais duros do regime socialista.

Não que não haja obras interessantes distribuídas pela mostra principal, curada a partir das *Quatro Estações* (verão, outono, inverno e primavera). Mas se compararmos com as inquietações artísticas do século 20, a maior parte das obras dão a sensação de estarem numa bolha, paradas no tempo. Mais interessante é a mostra *Resistência, tradição e abertura*, que traz a arte russa das últimas quatro décadas.



“A lei de Newton” (2011), de George Pusenkov

Movida madrilenha

Depois do aconchego de Málaga, Madri. Claro que o principal museu madrilenho é o Prado, com seus clássicos, o lugar ideal para ver Velasquez, Rubens, El Grieco. Mas mesmo quando pensamos em arte clássica, há outros lugares interessantes, como o Palacio Real, com a coleção real permanente e suas mostras temporárias, e o Museo Thyssen-Bornemisza, agora com uma exposição sobre Renoir (1841–1919).



Museu Sorolla

Um museu que corre por fora, mas é incrivelmente acolhedor é o Museo Sorolla. Montado na casa onde viveu o maior impressionista espanhol, Joaquín Sorolla y Bastida (1863-1923), é um espaço ideal para entender o universo do pintor. Um dos principais objetos de investigação de Sorolla era a sua família, e é uma experiência muito enriquecedora poder ver uma grande quantidade de seus quadros no ambiente onde eles foram criados e onde seus personagens habitaram. Além dos quadros, a decoração, a coleção de esculturas, os jardins—tudo contribui para um clima intimista, que ajuda a compreensão da obra do artista.



Sorolla estava pintando este quadro quando sofreu um derrame que impossibilitou de seguir trabalhando.

Rumo ao contemporâneo

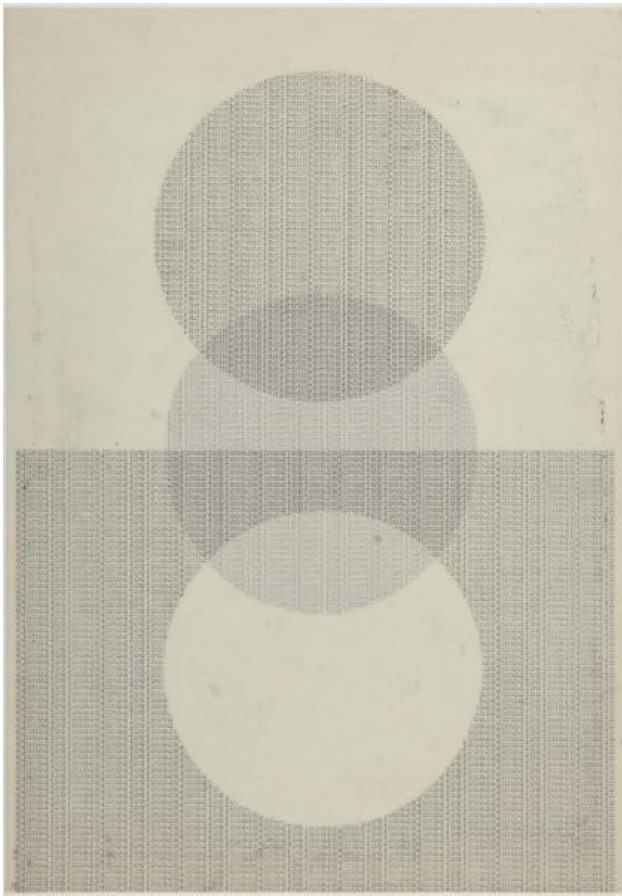
Mas o grande museu para quem realmente gosta de arte contemporânea é o Reina Sofia. São três coleções incríveis, além de mostras temporárias. Para visitar o Reina Sofia, é preciso tempo, no mínimo uma tarde. A primeira parte da coleção traz obras produzidas até o fim da Segunda Guerra Mundial. A estrela é o painel *Guernica*, pintado por Picasso, de 1937, uma crítica feroz à Guerra Civil Espanhola.



“Sem Título”, de Mark Rothko

A segunda parte da coleção investiga o mundo do pós-guerra até 1968, em diferente suportes. É onde podemos ver obras clássicas de Marcel Duchamp (1887–1968), os experimentos do Fluxus, obras de John Cage e Mark Rothko (1903–1979), entre outros titãs das artes visuais.

A terceira parte, da revolta à pós-modernidade, mostra artistas novos, propondo rupturas. O mais interessante é olhar para artistas espanhóis que conhecemos pouco, como o Grupo de Trama (1973–1978), Elena Asins (1940–2015), e as fotografias políticas de Colita (n 1940), só para citar algumas das pérolas menos conhecidas do museu.



“Sem Título (Circunferência)”, de Elena Asins e “Solidaridad con la huelga del Bajo Llobregat (Coordinadora de Sectores de Comisiones Obreras de Catalunya)”, do Grupo de Trama



“Manifestación pro-amnistía, Barcelona, 1976”, de Colita

Um passeio interessante é sair do Reina Sofia e perambular pela Calle del Doctor Fourquet, uma pequena rua que concentra galerias pequenas, cheias de obras de artistas jovens, como a Galeria Silvestre, a F2 Galeria, a Galeria Moises Perez de Albeniz, a Galeria Nogueras Blanchard, a Galeria Alegria, a Galeria Bacelos, a Casa Sin Fin, a Espacio Minimo, a Garcia Galeria e a Galeria Theredoom.



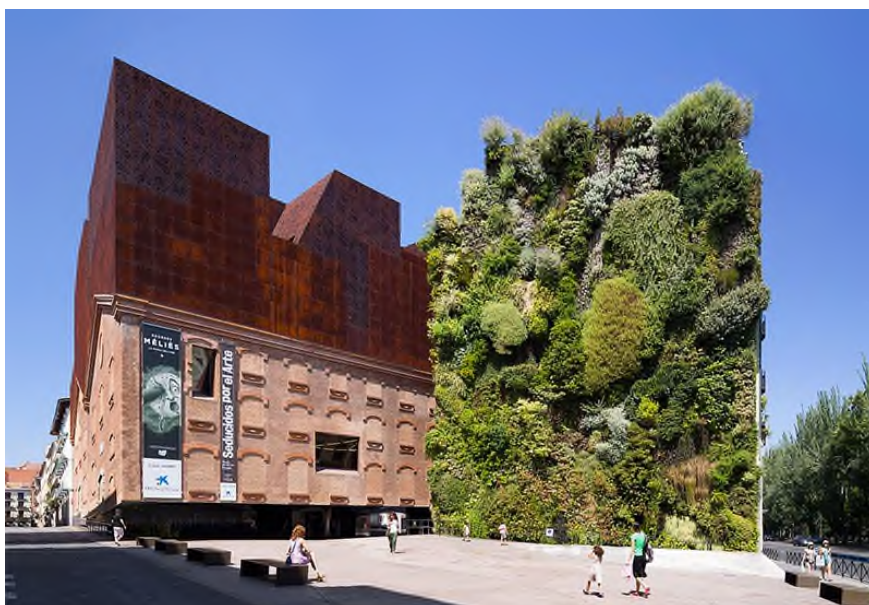
Galeria Moises Perez de Albeniz, na Dr Fourquet

Um pouco mais longe, mais ainda a uma distância que dá para ir a pé, está o misto de loja, galeria de fotos e livraria La Fabrica. É um lugar pequeno para se perder. As mostras fotográficas mudam a toda hora, mas o acervo de livros de arte é sensacional.



La Fabrica

La Fabrica está do lado de um dos mais novos museus da cidade, o CaixaForum. O prédio onde funcionava uma central elétrica, todo reformado pelo escritório de arquitetura suíço Herzog & de Meuron, abriga sempre exposições temporárias, shows, conferências e workshops.



CaixaForum

Um pouco mais afastado, mas imperdível, é o Matadero, um centro cultural da prefeitura, com sala de teatro, sala de cinema com mostras de documentários, além de exposições e residências artísticas.

Uma vez por mês acontece o Mercado de Diseño, uma feira que toma o Matadero durante um fim de semana com criações de estilistas, designers de móveis, publicações, além de uma feira gastronômica com dezenas de food trucks. Se der sorte de estar em Madri quando ele acontece, não deixe de ir.



Matadero

**Guilherme Werneck viajou a convite do Escritório de Turismo da Embaixada da Espanha*

